

organizadoras

Marília Forgearini Nunes

Renata Sperrhake


Camila Alves de Melo

Lílian Carine Madureira Vieira da Silva

LER *para* MEDIAR

a literatura infantil na roda





Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello

Editora executiva Patricia Bieging

Coordenadora editorial Landressa Rita Schiefelbein

Marketing digital Lucas Andrius de Oliveira

Diretor de criação Raul Inácio Busarello

Assistente de arte Naiara Von Groll

Editoração eletrônica Peter Valmorbida, Potira Manoela de Moraes

Imagens da capa Starline, Rawpixel.com, Upklyak - Freepik.com

Tipografias Swiss 721, Hustle Bright e Monsterrat

Revisão Lílian Carine Madureira Vieira da Silva
Camila Alves de Melo

Organizadoras Marília Forgearini Nunes, Renata Sperrhake,
Camila Alves de Melo,
Lílian Carine Madureira Vieira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L614

Ler para mediar: a literatura infantil na roda / Organizadoras
Marília Forgearini Nunes, Renata Sperrhake, Camila Alves de
Melo, et al. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Outra organizadora
Lílian Carine Madureira Vieira da Silva

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-567-5
DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95675

1. Literatura infantil - Estudo e ensino. 2. Aprendizagem.
3. Leitura. 4. Escola. I. Nunes, Marília Forgearini (Organizadora).
II. Sperrhake, Renata (Organizadora). III. Melo, Camila Alves de
(Organizadora). IV. Título.

CDD 372.64

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantil - Estudo e ensino

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

PIMENTA CULTURAL

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 2

7


Marília Forgearini Nunes

Ler literatura infantil é ler o quê ?

Falar sobre literatura infantil pode ser uma conversa sem fim, assim como o pé de feijão de João no clássico conto de fadas de origem inglesa. É assunto longo e que pode tomar diferentes rumos e até mesmo não chegar a lugar algum. Assim, o que se apresenta a seguir são ideias organizadas em tom ensaístico, reunindo o que se abordou no primeiro encontro das duas edições do curso de formação de mediadores de leitura de literatura infantil: “LER para MEDIAR: o livro infantil na roda”.

Neste texto seremos em parte como João, escalando essa longa planta mágica com a intenção de encontrar uma compreensão possível do que é literatura infantil e o que é ler literatura infantil. Nossa escalada, porém, não entende encontrar um modo de compreender o que é literatura infantil e a sua leitura como sinônimo de encontrar a galinha dos ovos de ouro. Em outras palavras, com este texto não pretendemos oferecer às leitoras e leitores, um ovo de ouro que trará riqueza para todo o sempre, pretendemos sim despertar a atenção e a curiosidade para o brilho da literatura infantil como texto, como objeto cultural e afetivo que constitui crianças e adultos tanto como leitoras e leitores quanto como humanos, sensíveis a si mesmos e aos outros, visto que vivem em sociedade.

Tomamos como ponto de partida de nossas reflexões a diversidade de publicações voltadas ao público infantil. A produção editorial com foco na infância ocupa o terceiro lugar, com 5.15% do mercado de produção e vendas em 2020 e com aumento dessa porcentagem para 6.68% em 2021 conforme pesquisa da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL) (PRODUÇÃO, 2022). Isso parece pouco, porém uma visita a uma livraria e um rápido correr de olhos por algumas prateleiras podem comprovar que há uma ampla gama de livros voltados às crianças com uma diversidade de projetos gráficos, temas, autores, ilustradores, sem falar na materialidade na qualidade do texto e, conseqüentemente, da leitura que são encontrados. Essa diversidade ao mesmo tempo que é positiva, visto que também é necessária para a formação de leitores, dificulta a tarefa de quem escolhe as leituras a serem oferecidas e mediadas com as crianças.



O adulto que decide ser mediador de leitura de uma criança, seja adquirindo livros ou tomando-os emprestados em bibliotecas, se vê diante de uma tarefa desafiante: saber escolher o que tornar acessível às crianças. Saber escolher o que ler com a criança ou para a criança ler sozinha passa por compreender o que é literatura infantil. Compreender o que é literatura infantil passa por entender quem é o leitor pretendido por esse texto como alerta Peter Hunt (2010).

O autor, ilustrador e pesquisador Ricardo Azevedo (1999) oferece uma tipologia do livro voltado ao público infantil que pode ajudar a fazer certa distinção entre as publicações: didáticos, paradidáticos, livros-jogo, livros de imagem e livros de literatura infantil. Longe de ser uma tipologia exaustiva, essa delimitação auxilia principalmente a estabelecer uma distinção que não se baseia em características como abundância de cores, ou texto verbal com enunciados sintéticos e vocabulário simples, ou ainda presença de lição ou moral explícita. Tais características estabelecem um formato de publicação que pouco se preocupa em oferecer ao leitor uma experiência de leitura sensível ou um convite direcionado à produção de sentidos. Essas publicações estão mais (pre)ocupadas em conquistar os leitores adultos que desconhecem ou esqueceram como a leitura pode ser convite para se aventurar e imaginar e buscam leituras seguras.

A diferenciação proposta por Azevedo (1999) nos coloca frente a uma questão essencial que distingue a literatura infantil: a abertura ao sentido. O destaque a essa característica auxilia os adultos a ficarem alertas frente a uma publicação sendo capazes de avaliar se a escolha é adequada à mediação mais sensível da leitura literária ou a uma mediação cuja intenção é pautada pelo texto, sem espaço para o leitor exercitar a produção de sentido colocando um pouco de si na interação com o texto. Azevedo (1999) define os livros de literatura infantil destacando que a literatura é arte feita de palavras, opondo-se às ciências, sendo a ficção e o discurso poético seus recursos por essência, prevalecendo a estética, não pretendendo ser útil previamente à leitura nem após, isto é, ensinar algo em específico para o leitor. É claro que

a leitura possibilita que algo seja ensinado e algo seja aprendido, mas isso depende muito mais do leitor e da sua leitura e não está contido no texto previamente. Os livros de literatura infantil e seus textos abordam assuntos subjetivos, fantasia, brincam com palavras sempre deixando brechas que convidam o leitor a se tornar parte do texto.

A experiência da leitura literária não vem prescrita, precisa ser vivida para que os sentidos decorram da interação com o texto, uma experiência que é individual e, por isso, sensível, não previsível. Essa distinção também torna a leitura um fazer interativo que busca no leitor a sua realização e a existência do texto: não há leitura sem texto tampouco sem leitor. O papel do mediador no caso da leitura literária com crianças será auxiliar a identificar as brechas que o texto abre para a presença do leitor, um fazer que já começa na escolha do que será lido pautando a intenção que se tem: um convite aberto ao sensível do encontro texto-leitor ou um convite pautado a um sentido único já contido no texto.

A caracterização do livro literário infantil associada às possibilidades de sentido também passa por entender que o que se espera do texto apresentado e da leitura que se realiza a partir dele é que seja uma experiência agradável, prazerosa, provocativa, convidativa à experiência em si, não uma leitura previsível, sem surpresas. Esta distinção que pode ser sintetizada pelas expressões “livro bom” e “livro bom para” conforme Peter Hunt (2010, p.75) traduz o eterno conflito que há quando se caracteriza literatura infantil. A forte relação entre literatura e educação faz com que a leitura assuma funções paradoxais: entre uma “aplicação abstrata” e “uma aplicação prática”.

Esse paradoxo pode ser superado pelo modo com que a literatura infantil será mediada, por quem escolhe o texto. Segundo Nelly Novaes Coelho (2000), se a leitura será mais sensível ou mais pragmática, isso depende também da própria textualidade e da época histórica em que a leitura é abordada. A figura do mediador, o texto e o contexto histórico acabam por influenciar a mediação da leitura que se

realiza evidenciando-se eterna oscilação entre o entretenimento ou o prazer e a informação explícita. Essa oscilação também diz respeito ao fato de que a literatura é arte o que a torna um conceito “aberto”: “Um conceito é “aberto” quando é possível ampliar o campo de sua aplicação com base numa simples decisão.” (JOUVE, 2020, p. 14).

Neste texto, em que falamos sobre literatura infantil, o foco está em entender sobre a leitura dos livros bons, isto é, aqueles cuja leitura convida ao entretenimento na qual nem o texto nem quem medeia leitura pré-estabelece sentidos, aquela na qual nem o texto nem quem promove a mediação da sua leitura são portadores da chave de acesso ao texto, como se ela fosse única. Em outras palavras, os livros bons que colocamos em foco e que são literatura infantil são aqueles abertos ao encontro, à experiência sensível resultante da leitura em si. Tal compromisso, reitera a compreensão de que literatura, conforme define Andruetto (2012, p. 68), “[...] não é o lugar das certezas, mas o território da dúvida. Nada há de mais libertário e revulsivo que a possibilidade que o homem tem de duvidar, de se questionar.”. A literatura e a sua leitura compreendidas dessa maneira demonstram aceitar que ler literatura é experiência que pode ser representada pelo poema-pergunta de Pablo Neruda (2008): “Posso perguntar ao meu livro / se é verdade o que escrevi [ou o que li]?”.

A literatura é parte da cultura escrita que caracteriza nossa sociedade e ser parte dessa cultura implica tanto habilidades de alfabetização, quanto de letramento, quanto de interação. Ao mesmo tempo que precisamos da capacidade compreensão a respeito do funcionamento do sistema de escrita alfabético para interagir com o texto verbal, também precisamos conhecer as particularidades sensíveis da linguagem literária. Esse entrelaçamento de linguagens nos textos voltados à infância também considera que a literatura infantil é texto que se constitui de modo sincrético, entrelaçando linguagens (verbal, visual, gráfica) para constituir o enunciado discursivo (PANOZZO, 2007),

tornando a leitura o fazer que efetiva este enunciado verbo-visual. Para isso, leitor e mediador assumem que ler o texto literário é um fazer que “[...] envolve habilidades simultaneamente intelectuais e estéticas, num nível de interação social constitutivo da própria linguagem” conforme explica Paulino (2005, p. 55).

Para viver essa experiência, uma experiência que é de letramento literário (PAULINO; COSSON, 2009), diferentes diálogos são necessários: diálogo entre texto e leitor, diálogo entre textos, diálogo entre leitores. Trata-se de um abrir-se às perguntas que o texto faz explícita ou implicitamente para o leitor (BAJOUR, 2012) isso tanto caracteriza a literatura infantil, quanto sua leitura. Tal abertura caracteriza a literatura, uma textualidade que é infinita (TODOROV, 2016), isto é, sempre pronta para acolher novas leituras, leitores e mediações. Essa infinitude que nos enriquece, como caracteriza Todorov (2016), ao mesmo tempo que caracteriza a literatura, torna-a difícil de ser definida fora da experiência da leitura.

Só sabemos sobre literatura lendo literatura. Recuperando o conto que abriu este texto, só sabemos sobre a experiência da escalada sendo João, indo ao encontro do gigante, descobrindo o que se esconde lá no alto, indo e retornando com o que vimos, no caso da leitura, com o que lemos e com o que podemos partilhar com outros leitores ou em novas leituras. Essa forte relação da literatura com a arte que assumimos implica em não encaixar os textos literários em modelos com características obrigatórias ou imprescindíveis. Essa caracterização da literatura como arte demanda leitores e mediadores conheçam um amplo repertório de textos, organizando “[...] um feixe de propriedades que, empiricamente funcionam como critérios de reconhecimento [de um objeto artístico]; no entanto, nem por isso qualquer uma delas é de presença obrigatória.” (JOUVE, 2020, p.14). Constituir repertório de leituras auxilia a caracterizar o texto literário e a diferenciá-lo de outros textos.

E quais propriedades podemos incluir no feixe daquelas que caracterizam literatura infantil e respondem à pergunta que dá título a este texto? Para isso, buscamos apoio em diferentes livros que oferecem ideias para compor um possível feixe de características que definam literatura infantil e auxiliem a responder a pergunta-título deste texto. No quadro a seguir destacamos como a literatura infantil é abordada em alguns livros teóricos, buscando delimitar uma característica a ser acrescentada no conjunto que pode auxiliar a reconhecer literatura infantil e a fazer boas escolhas quando se busca a sua leitura.

A LITERATURA INFANTIL RASTREANDO CARACTERÍSTICAS PARA COMPOR UMA DEFINIÇÃO

Figura 1 - O que é a literatura infantil.

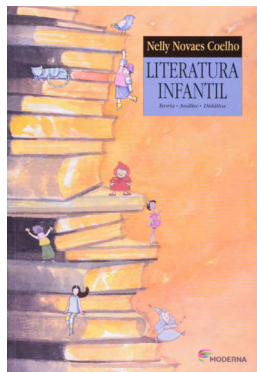


Fonte: Cademartori (2010).

Desde a apresentação do livro, Ligia Cademartori afirma que, apesar da reforçada e importante relação com a educação, não cabe à literatura infantil estar à serviço do processo educativo: “É como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do mundo.” (CADEMARTORI, 2010, p. 4). Isso indica a decisão de que, apesar da convivência entre as perspectivas pedagógica e estética na conceitualização de literatura infantil, neste livro a resposta é construída assentada na perspectiva estética.

O que se acrescenta ao feixe de características? Literatura infantil é por essência um objeto cultural predominantemente estético, isto é, um objeto cultural aberto e motivador de um olhar sensível do leitor.

Figura 2 - Literatura infantil: teoria, análise, didática.



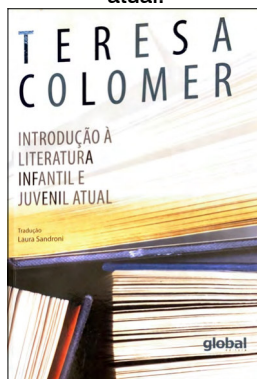
Fonte: Coelho (2000).

A oscilação entre pedagogia e arte também é mote para a caracterização e definição propostas por Nelly Novaes Coelho. Aborda-se essa caracterização sob o viés da simultaneidade das funções pedagógica e artística o que torna possível abarcar no “[...] rótulo ‘literatura infantil’ [...] modalidades bem distintas de textos: desde os contos de fada, fábulas, contos maravilhosos, lendas, histórias do cotidiano... até biografias romanceadas, romances históricos, literatura documental ou informativa.” (COELHO, 2000, p. 46-47). A tendência assumida pelo autor dependerá também do contexto

sócio-histórico, assim como a mediação da leitura também.

O que se acrescenta ao feixe de características? Literatura infantil é produto do contexto social e histórico, tornando o texto mais aberto ou mais fechado aos sentidos.

Figura 3 - Introdução à literatura infantil e juvenil atual.



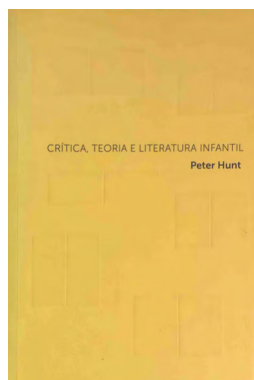
Fonte: Colomer (2017).

A literatura infantil abre portas para os símbolos, imagens, mitos criados e usados pelos humanos. Portanto, o texto literário na infância auxilia a criar, ampliar e reforçar um entendimento sobre o mundo e suas relações. Assim, como os outros livros já destacados, neste, a autora pondera sobre função educativa da literatura afirmando que ela reside: “[...] no que facilita formas e materiais para essa ampliação de possibilidades: permite estabelecer uma visão distinta sobre o mundo, pôr-se no lugar do outro e ser capaz de adotar uma visão

contrária, distanciar-se das palavras usuais ou da realidade em que alguém está imerso e vê-lo como o contemplatesse pela primeira vez.” (COLOMER, 2017, p. 21).

O que se acrescenta ao feixe de características? Literatura infantil é a abertura para o mundo e suas relações que possibilita experiências de contemplação, reflexão e desenvolvimento da empatia.

Figura 4 - Crítica, teoria e literatura infantil.



Fonte: Hunt (2010).

Hunt (2010, p. 90) afirma: “Literatura é um termo-valor.” e a sua caracterização relacionada ao público-leitor pretendido, o infantil, torna necessário a definição de criança. Essa definição de infância, porém, também é tão maleável e aberta quanto a de literatura. As crianças não são únicas, existem e agem conforme a cultura de uma sociedade e o valor que lhes é dado e, conseqüentemente, o espaço que lhes é permitido ocupar. Isso afasta a literatura infantil de um modo de existir único que permita uma caracterização seja pela sua linguagem verbal ou gráfica-editorial e aproxima a definição de literatura infantil de um entendimento daquilo que dela se faz sempre que procura abrir portas para a infância ocupar um espaço de produção de sentido.

O que se acrescenta ao feixe de características? Literatura infantil é espaço de exercício e valorização da infância, oportunizando o atendimento das suas necessidades diante do imenso desafio que é conhecer o mundo e seus modos de produzir sentido.

Assumindo que essas quatro caracterizações não são únicas, tampouco permitem uma definição final do que é literatura infantil, apontamos alguns exemplos de textos literários voltados à infância e

que se relacionam com este feixe de sentidos que montamos. Essa seleção também não é fechada, pretende deixar o convite para quem nos lê ampliá-la com seus exemplos⁸.

Literatura infantil é por essência um objeto cultural predominantemente estético, isto é, aberto e motivador para um olhar sensível do leitor.

“Conto escondido”, de Laura Devetach (2009) com ilustrações de O’kif, publicado pela Base Livros Didáticos Ltda, apresenta uma narrativa poética em um texto verbo-visual que convida o leitor a navegar pelas páginas com olhos serenos. O “Era uma vez...” abre portas à fantasia de um conto que se esconde debaixo dos cílios, mas que o leitor encontra ao longo das páginas em palavras e imagens articuladas, descrevendo um mar de lágrimas que é preenchido por diferentes barcos com as tripulações as mais distintas. O convite é para navegar pelos barcos que surgem e dominam as páginas e ao final retornar cheio de memórias para contar.

Figura 5 - Conto escondido.



Fonte: Devetach (2009).

Literatura infantil é produto do contexto social e histórico, tornando o texto mais aberto ou mais fechado aos sentidos.

“Os três ladrões”, do premiado autor Tomi Ungerer (2014), publicado pela Gaudí Editorial, conta a história de três homens, que segundo o narrador são declaradamente malvados e que andavam pelas estradas assaltando viajantes, reunindo em seu esconderijo todo ouro e joias que saqueavam. Em uma das noites de ataque, os ladrões

⁸ Em tempos de redes sociais, fica o convite para quem for leitor deste texto compartilhar novas definições de literatura infantil para engrassar o feixe e novos títulos de livros ampliando a resposta à pergunta título deste texto.

ao invés de joias encontram na carruagem uma pequena órfã que viajava para encontrar uma tia malvada. A menina é levada pelos ladrões para sua caverna onde é acolhida em uma cama quente e confortável. O tesouro dos homens é descoberto por ela na manhã seguinte quando os confronta querendo saber o que fazem com tudo aquilo que enche baús. Um castelo é comprado por eles. Neste lugar, crianças infelizes e abandonadas passam a ser acolhidas constituindo uma comunidade. A mudança de rumo da narrativa deixa o leitor diante de muitos sentidos possíveis que poderão ou não ser produzidos dependendo de quem ler, quando ler e como ler essa narrativa verbo-visual.

Figura 6 - Os três ladrões.



Fonte: Ungerer (2014).

Literatura infantil é a abertura para o mundo e suas relações que possibilita experiências de contemplação, reflexão e desenvolvimento da empatia.

“Esperando mamãe”, de Lee Tae-jun (2010), com ilustrações de Kim Dong-seong, publicado pela Edições, apresenta aos leitores uma criança que espera por sua mãe em uma estação de bonde. Acompanhamos sua espera, sentimos sua expectativa a cada virada de página, quando pergunta aos motoristas dos bondes que chegam, quando se mostra em silêncio nas imagens que narram suas longas horas de espera. O final surpreende e torna praticamente impossível não ficar pensando sobre o menino.

Figura 7 - Esperando mamãe.



Fonte: Tae-jun (2010).

Literatura infantil é espaço de exercício e valorização da infância, oportunizando o atendimento das suas necessidades diante do imenso desafio que é conhecer o mundo e seus modos de produzir sentido.

“O lobinho bom”, de Nadia Shireen (2013), publicado pela Brinquê-Book, é uma narrativa verbo-visual que nos apresenta ao lobinho Rolf. Ele se vê diante do fato de que, apesar de ser gentil, obediente, amigo e bom com todos próximos a ele, os lobos nem sempre são bons. O encontro com um lobo mau coloca Rolf à prova procurando entender se ele é sempre bom ou se sua natureza de lobo mau pode surgir. Os leitores se veem diante de uma narrativa quase singela de um lobinho que está em busca de autoconhecimento.

Figura 8 - O lobinho bom.



Fonte: Shireen (2013).

Os livros escolhidos para colocar em pauta as definições do nosso feixe de características da literatura infantil foram aqui apresentados relacionando cada um a uma das definições, porém é necessário esclarecer que todos eles são textos de literatura infantil e, portanto, incidem sobre eles todas as definições destacadas. Isso revela e reforça que não há uma chave única de leitura e definição do texto literário infantil, a sua compreensão demanda leitura e olhar sensível. Trazer o livro literário infantil para a roda demanda ler e abrir-se aos sentidos buscando sempre perceber de que modo consideram essa abertura e valorizam a infância leitora que se pretende atender.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias. **Revista Signo**, Lajeado, v. 20, n. 1, p. 92-102, dez. 1999.

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. *E-book*.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

DEVETACH, Laura. **Conto escondido**. Tradução de Isa Mesquita. Curitiba: Base Livros Didáticos Ltda, 2009.

HUNT, Peter. **Crítica teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. Cosac Naify: São Paulo, 2010.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2020. *E-book*.

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. Cosac Naify: São Paulo, 2008.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. *In*: PAIVA, Aparecida *et al.* (org.). **Leituras literárias**: discurso transitivo. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005. p. 55-68.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: RÖSING, Tania M. K.; ZILBERMAN, Regina. (org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Leitura no entrelaçamento de linguagens**: literatura infantil, processos educativos e mediação. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PRODUÇÃO e vendas do setor editorial brasileiro – Ano Base 2021. [S. l.]: Nielsen; SNEL; CBL, 2022. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2022/05/apresentacao_imprensa_Final.pdf. Acesso em: 04 jun. 2022.

SHIREEN, Nadia. **O lobinho bom**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TAE-JUN, Lee. **Esperando mamãe**. Tradução de Yun Jung Im. São Paulo: Comboio de Corda, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2016.

UNGERER, Tomi. **Os três ladrões**. Tradução de Gian Calvi. 2. ed. São Paulo: Gaudí, 2014.